

FORMAÇÃO DO LEITOR: A ESCOLA CUMPRE A TAREFA?

MARIA HELENA BERTOLINI BEZERRA (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO).

Resumo

A presente comunicação é resultado da pesquisa de doutorado realizada na PUC, São Paulo, apresentada em 2009, sobre a constituição do leitor a partir do espaço escolar. Mesmo havendo muitos estudos apontando importantes resultados sobre a relação escola e leitura, intentou-se, ainda, buscar nos espaços de realização das aulas, nos procedimentos e entendimentos dos professores de uma escola de ensino fundamental da rede municipal de São Paulo, o que de fato acontece no cotidiano escolar em relação à formação do leitor. Trabalhou-se dentro da perspectiva dos estudos da Sociologia da Educação, em especial com o conceito de forma escolar desenvolvido por Guy Vincent, Bernard Lahire e Thin e, ainda, com autores que trazem elementos sobre a história da leitura, intimamente ligados aos estudos educacionais como Bourdieu e Gimeno Sacristán. Dentre os resultados da pesquisa, há evidências da formação insuficiente do leitor a partir do espaço escolar, tendo em vista que as ações escolares em torno da leitura possuem aspectos pouco estimulantes, afastando o aluno da leitura ao invés de aproximá-lo. Contudo, a pesquisa aponta que os professores, ao serem questionados sobre o trabalho que realizam sobre leitura, não só admitem a tarefa de formação do leitor como intrínseca à função docente, como acreditam que o que fazem contribui para esta formação. Nas ações cotidianas dos professores em se tratando de leitura, aparecem marcas muito nítidas de um modo escolar de tratar não apenas a leitura, como as demais áreas do conhecimento. Desse modo, a escrituração para tudo o que se faz, seja em sala de leitura ou em sala de aula, é entendido como um modo particular de agir constituído historicamente, ou seja, um modo de agir marcado pela cultura escolar.

Palavras-chave:

escolarização, forma escolar, leitura.

Atualmente no Brasil, nos meios educacionais, ou mesmo em outros meios, um dos temas mais recorrentes é a grande dificuldade enfrentada em relação ao bom desempenho dos alunos no que concerne à leitura e à escrita. É comum ouvirmos declarações de que, mesmo após vários anos de escolarização, muitos alunos mal conseguem ler um pequeno texto e, se conseguem decodificá-lo, identificando as palavras aí contidas, não demonstram entendimentos sobre o seu conteúdo, tornando-se ainda mais difícil a interpretação, extrapolação ou qualquer outra habilidade normalmente requerida ao leitor.

Deve-se ressaltar o importante papel que as crises exercem sobre as decisões tomadas no interior da escola ou pelas administrações públicas em relação a programas ou projetos que busquem o intento de disseminar leitura entre as crianças e os jovens. Nos levantamentos desta pesquisa, realizados sobre algumas dessas ações, tanto a criação das Salas de Leitura na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, quanto os programas de formação de Professores como o "PROFA" (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores) e o "Ler e Escrever, prioridade na escola Municipal" da Rede Municipal de Educação de São Paulo, as justificativas que embasam a criação de tais programas estão vinculadas ao diagnóstico feito de que as crianças possuem muita dificuldade em relação à leitura e à escrita, por isso a necessidade de se empenhar para a superação desses problemas.

Não são poucas, ainda, as críticas recebidas pela escola, colocando-a como uma das principais responsáveis pelo baixo desempenho dos alunos. A mesma fragmentação que se realiza em relação ao ensino dos conteúdos curriculares, é percebida e apontada em muitas pesquisas acadêmicas Chiappini (1995), Geraldi (2002), Soares (1995, 2002, 2004), quando o assunto é leitura.

Alguns procedimentos realizados pela escola como fichas de leitura, escrever sobre o lido, cópias de trechos do livro, enfim, tudo o mais que professores fazem tendo em vista o bom desempenho leitor dos alunos, acaba por fazer parte de uma enorme lista de motivos pelos quais admite-se não formar adequadamente os alunos para a leitura. Detecta-se, desse modo, o desencontro entre o reconhecimento de que cabe à escola a formação do leitor e as ações desenvolvidas por ela.

1. Escola: espaço de possibilidades de investigação

É necessário observar que, de início, se buscava compreender a grande quantidade e circulação de livros considerados de Literatura Infantil na Escola Municipal de Ensino Fundamental "Cândido Portinari", localizada em Perus, bairro do Município de São Paulo. Observou-se que os livros destinados ao público infantil não eram apenas utilizados na Sala de Leitura da escola. Em vários momentos pôde-se constatar a utilização desses livros pelos professores dos quatro anos iniciais do Ensino Fundamental para desenvolvimento de conteúdos curriculares de Ciências, por exemplo. Sendo assim, inicialmente, as intenções da pesquisa se voltaram para o entendimento sobre a utilização dos livros de Literatura Infantil pelos alunos e professores.

Reiterou-se, nesse estudo, a importância de se pensar no que a escola faz para a constituição do leitor, ainda que se tenha constatado que de início, nos anos de 1970, as pesquisas desenvolvidas sobre leitura tomaram a escola como principal foco de investigação e muito já se tenha produzido a este respeito. Mas, é igualmente verdade que, dentre as práticas escolares está a constituição do leitor, como tarefa historicamente assimilada e considera-se o movimento constante vivido pelas instituições sociais e pela sociedade de um modo geral, portanto mudanças e permanências nas ações empreendidas com vistas a alcançar os objetivos explicitados ou não no espaço escolar devem ser constantemente estudadas.

A leitura como uma característica universal do mundo em que vivemos, é aqui analisada como um importante meio de produção de subjetividades. Parte-se do princípio que a partir do momento em que as experiências humanas passaram a ser transmitidas por meio da escrita, institui-se novos modos de relacionamento entre os seres humanos, dispensando a necessidade da presença física e do tempo presente para as comunicações. Do mesmo modo, a instituição escolar continua sendo um dos meios mais importantes para produção das subjetividades. Com maior ou menor grau de intensidade, a vida escolar pela qual a maioria das pessoas passa, produz modos de ver e entender o mundo.

Por isso a escolha de uma escola, espaço considerado de realização e de explicitação de entendimentos. É a escola o cenário real onde professores, alunos e demais pessoas realizam cotidianamente ações das mais variadas naturezas, tendo como objetivo historicamente declarado a aquisição dos conhecimentos produzidos, portanto, objetivados pela sociedade.

Salienta-se a ampliação do objeto de estudo ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pois como já dito anteriormente, se restringia a saber sobre a utilização de livros de Literatura Infantil por professores e alunos.

A escolha das salas de aula como campo para coleta de dados se baseou em uma determinada abordagem sobre escola que considera os micro espaços e as ações dos sujeitos que neles atuam, como reveladores das configurações sociais e de uma imensa trama de significados que não podem ser vistas na totalidade das estruturas sociais. Trata-se, portanto, de uma opção metodológica que considerou as ações dos sujeitos dentro de seus espaços de atuação, com todos os problemas e contradições próprias do desenrolar da vida cotidiana.

Estabeleceu-se alguns critérios para o início da coleta de dados no ano de 2006. O primeiro foi de utilizar todos os professores que trabalhavam com o Ciclo I para serem entrevistados. Como a escola possuía 22 turmas dos quatro primeiros anos de Ensino Fundamental, todas as professoras foram contatadas para, em outro momento, receberem visitas de pesquisa em suas salas durante as aulas. Também as professoras das salas de Leitura, do Laboratório de Informática e do Laboratório de Ciências foram consultadas da mesma maneira e suas aulas assistidas. Outro critério foi o de recolher, a partir das comunicações com as professoras, variados materiais que pudessem ser analisados e que tivessem a leitura dos livros de Literatura Infantil como elemento principal. Assim, cadernos de alunos, planejamento de aulas, e tudo o mais que tivesse relação com a efetivação do trabalho com leitura foram recolhidos e analisados. Por fim, a Sala de Leitura da Escola foi tomada como espaço a ser investigado em sua materialidade, pois sendo de interesse saber como e por que as professoras utilizam o livro de Literatura Infantil em suas aulas, é nesse espaço que os livros estão organizados e a partir daí circulam na escola.

Em Bourdieu (2003) encontra-se um tipo de análise em que a leitura, assim como outros dispositivos da sociedade atual, são partes constituintes do *habitus* da elite letrada, que a escola, seguindo modelos instituídos, procura disseminar quando se populariza. Embora sendo o livro um artefato de cultura que há muito tempo passou a fazer parte das experiências comuns dos cidadãos, os instrumentais dos quais os grupos sociais dispõem para imersão no mundo da cultura letrada não são os mesmos, especialmente no tocante à linguagem. Por isso, muito do que a escola faz em relação à leitura, parece ser em vão, e os números acabam por revelar grandes índices de pessoas as quais, mesmo após vários anos de escolarização, não leram sequer um livro completo.

Tudo o que foi constatado durante o desenvolvimento do estudo e, conseqüentemente analisado, resulta da busca da compreensão das relações entre os vários elementos que compõem os fazeres diários da escola. Por isso buscou-se entender a materialidade do acervo da escola em relação ao seu uso e à disposição dos móveis e objetos da Sala de Leitura; as leituras de livros pelos professores aos alunos, as prescrições dos programas oficiais e as atividades propostas após a leitura de um livro; a Literatura Infantil como texto destinado a um público específico e a constituição deste tipo de literatura. Enfim, procurou-se cotejar vários aspectos que compõem a vida escolar quando o assunto é leitura de forma entrelaçada, ou seja, em seus relacionamentos. Partiu-se da perspectiva que considera os acontecimentos humanos sob a ótica relacional como opção metodológica de estudo Sacristán (1997, 2000, 2002) objetivando, como já se falou, contribuir para que o debate sobre a constituição do leitor a partir do espaço escolar considerado-o em sua multiplicidade de aspectos.

2- A hipótese de pesquisa orientando a coleta e análise dos dados

Um forte elemento norteador da pesquisa é que ganhou grande força durante seu desenvolvimento foi a hipótese de que as ações dos professores no que tange a leitura, estão profundamente marcadas por entendimentos que possuem sobre sua tarefa histórica como transmissores da cultura objetivada e sistematizada. Ao realizar as ações relacionadas à leitura, são utilizados meios aprendidos e inscritos na prática docente, sendo que há grande receptividade às indicações que prometem maior eficácia nessa tarefa.

Ressalta-se ainda, como importante elemento orientador desse estudo, o grande número de pesquisas feitas no Brasil até o momento cujo tema é leitura: Meirelles (1984), Orlandi (1998,2001), Lajolo (2001, 2002), Zilberman (1981, 1988), Coelho (1985, 1987) entre tantos outros. De tudo o visto e analisado, é possível afirmar que não só a leitura e o leitor são temas recorrentes, mas também que as abordagens são variadas.

Um dos itens centrais da pesquisa foi entender como a Literatura Infantil se constituiu como gênero literário, passando a fazer parte do cotidiano escolar. Recorreu-se, desse modo, a diversos autores que tratam do assunto, dentre eles, destacam-se os trabalhos de Chartier (2004), Almeida (1997), Chartier e Hébrard (1989), Lajolo e Zilberman (2002) e Meireles(1984). O entendimento de que a Literatura Infantil, tanto no resto do mundo, como aqui no Brasil, resultou da adaptação para o texto escrito de contos extraídos da tradição oral, especialmente aqueles ligados ao Folclore, foi extremamente importante.

Para a compreensão do que significou o surgimento de uma literatura específica para crianças é necessário cotejar o assunto a partir da relação de três aspectos essenciais que estão intimamente relacionados: a modernização provocada pelo desenvolvimento urbano e industrial, a efetivação de um projeto de escolarização para grande parte da população e a necessidade de produzir textos que ensinassem às crianças os valores da nova sociedade.

Naturalmente, a partir do momento em que a escrita passou a fazer parte da experiência comum da maioria das pessoas, à escola ficou reservado o papel de ensinar a ler e a escrever, inicialmente uma habilidade separada da outra e depois simultaneamente. Ler textos na escola, desse modo, é um processo que, desde o seu início até os dias de hoje passou por inúmeras modificações, tanto no que se prescrevia para ser lido, até as formas de ler: leitura em voz alta ou ler silenciosamente.

É necessário trazer ao debate o processo que ocasionou a mudança da sociedade que se orientava por formas apenas orais de comunicação e a sua substituição por uma forma em que a escrita passou a ser o principal código de transmissão cultural, tornando mais complexas as relações sociais, especialmente tendo em vista as novas formas de transmissão cultural.

3. A forma escolar e a formação do cidadão

No que se refere à constituição da escola moderna, seu surgimento está profundamente marcado pela necessidade de as crianças serem alfabetizadas para que pudessem participar de uma nova sociedade, que antes de tudo exigia tipos de comportamentos que se adequassem à nova ordem pública. Uma forma essencialmente escolar se constituiu para que as habilidades de escrita e de

civilidade fossem adquiridas. Para o entendimento de como a forma escolar se configurou na sociedade moderna estabelecendo um importante modo de socialização, os estudos desenvolvidos por Guy Vincent, Lahire e Thin (2001) são considerados centrais. Os autores trabalham fundamentalmente com o conceito de que a escola possui um modo próprio de agir na sociedade moderna, sendo que grande parte do que realiza exige exercícios em torno das habilidades da escrita, já que a cultura vivida passou a ser codificada por esse meio. Constata-se atualmente na escola a permanência e a intensa presença de atividades com escrita, mesmo se o que se declara fazer seja ação em torno da leitura.

As ações presentes sobre leitura de textos infantis chamam atenção para as permanências e mudanças nas escolhas feitas pelos professores. Se há, atualmente, determinados entendimentos dos professores sobre o trabalho que fazem em sala de aula com os livros de Literatura Infantil, há também um movimento contínuo produzindo mudanças. Chartier e Hébrard (1989) relatam como a escola francesa, em um curto espaço de tempo, de 1965 a 1970, mudou completamente a orientação em relação ao que considerava adequado para ser lido na escola. Os autores localizam nesse período grande mudança na orientação dada às escolas sobre quais livros deveriam circular entre os estudantes, tendo em vista o surgimento da televisão e a grande atração exercida por este veículo de comunicação entre as crianças e jovens. Assim, para "salvar a leitura", passou-se a admitir no espaço escolar todo tipo de leitura a de jornais, romances, documentários, enfim, o espaço anteriormente restrito às obras clássicas passou a ser freqüentado por leituras antes consideradas vulgares.

É de fundamental importância entender que, para cumprir seu tradicional papel de produzir leitores competentes, ou como se fala exaustivamente, "desenvolver o gosto pela leitura", a instituição escolar busque permanentemente meios para cumprir esse papel, por isso a necessidade de entender a leitura, ou em última análise, a leitura escolar, como uma prática social que ganha novos contornos em diferentes momentos.

4. Como se ensina leitura na "Cândido Portinari"

Alguns dos apontamentos a seguir dão mostras de que, entre as professoras, há a percepção de que faz parte de sua tarefa a divulgação dos clássicos da Literatura Infantil. A evidência de que essa opinião se concretiza no trabalho diário de sala de aula se expressa pelas vezes em que esse tipo de literatura foi escolhido pelas professoras do 1º e do 2º anos. No ano de 2006, das seis professoras do primeiro ano, cinco disseram que leram para seus alunos a história dos "Três Porquinhos", quatro trabalharam com a história do "Chapeuzinho Vermelho", sendo que três delas utilizaram outras versões do "Chapeuzinho" para acrescentar o trabalho com o texto dito original. Dentre as histórias mais citadas pelas professoras estão as fábulas e os contos de fada. Assim, seguindo por ordem de quantidade, os demais livros escolhidos foram "Pinóquio" por três professoras, "A cigarra e a formiga", também por três professoras.

É necessário observar que as indicações feitas pelas ações de formação recebidas pelas professoras, acabam incidindo sobre o trabalho em sala de aula. Nesse caso, vê-se claramente uma atividade proposta pelo PROFA que consta no caderno de formação, se materializar na aula. Foi encontrada a atividade em salas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental com os contos da "Chapeuzinho Vermelho" e dos "Três porquinhos". As professoras leem vários livros sobre o mesmo conto contendo variações. Em uma das versões dos três porquinhos, por exemplo, o lobo mau é um

cozinheiro à procura de receitas para cozinhar pratos deliciosos e conta com a ajuda dos três porquinhos.

A justificativa em relação ao trabalho com as diferentes versões sobre o mesmo conto não é clara, ou seja, não se notou, em nenhum momento na fala das professoras, explicações sobre os porquês de se trabalhar com diferentes versões dessas histórias, mas simplesmente são feitas referências ao programa de formação.

Também são propostas reescritas de textos, que segundo os autores do material, têm como objetivo a avaliação de situações em que os alunos devam utilizar a escrita para comunicar o que entenderam. Dentre os textos indicados para reescrita estão "Chapeuzinho Vermelho", "O Lobo Mau e os Três Porquinhos", "Branca de Neve e os Sete anões", entre outros.

As orientações vindas dos órgãos oficiais nem sempre são efetivadas na escola. As professoras seguem aquilo que acreditam que funciona no dia a dia. A mesma receptividade em relação ao trabalho com as versões ou reescritas dos contos de fadas, não foi encontrada em relação às caixas de livros encaminhadas para a escola para compor um acervo dentro das salas de 1º ano e do PIC (Projeto Intensivo do Ciclo). São caixas com aproximadamente 40 títulos variados de livros de Literatura Infantil para o 1º ano e 25 títulos escolhidos para os alunos das turmas de PIC e deveriam ser dispostos diariamente para que os alunos folheassem ou lessem assim que tivessem vontade.

Pouco se viu nas salas de aula que foram contempladas pelos acervos, os livros dispostos e com livre acesso às crianças. Raramente os cantos foram montados durante o ano de 2007, com exceção de uma ou outra sala, e mais raro ainda foi encontrar os alunos manipulando os livros.

Um dos problemas relatados pelas professoras tanto do 1º ano, como as do PIC em relação aos cantos de leitura, é a montagem diária desses espaços, perde-se muito tempo com isso e, ao final da aula, é preciso desmontá-lo, pois outras turmas ocuparão a sala.

Encontra-se, mais uma vez, a explicação para esse episódio em relação à não utilização do acervo que chegou para as salas, nos estudos sobre a forma escolar. Os professores possuem um sentido de realização do seu trabalho que não os permitem agir com maior flexibilidade em relação ao tempo e ao espaço. Além de o tempo todo manterem as crianças com atividades de escrita, a circulação das crianças pela sala, para pegar esse ou aquele livro a qualquer momento, pode trazer grandes transtornos ao bom andamento dos trabalhos.

Mesmo com as contradições apresentadas - em alguns momentos as professoras dizem que gostariam que os empréstimos de livros fossem mais regulares e que precisavam de um acervo de livros para que isso fosse facilitado - as escolhas feitas pelas professoras se inscreve na tradição que existe dentro das escolas de que é preciso fazer chegar aos alunos os textos tradicionais da Literatura Infantil, mesmo que essa ação passe por resignificação, como é o caso da apresentação de outras versões de histórias tradicionais. Em algum momento novas versões sobre os contos de fada surgiram e encontraram receptividade entre as professoras, passando a compor, também, o leque de possibilidades no que diz respeito à literatura infantil.

Ao fazerem a seleção de textos as professoras afirmam fazer parte de sua tarefa proporcionar aos alunos uma grande diversidade de gêneros textuais. Quando

escolhem trabalhar por um determinado período do ano apenas fábulas, por exemplo, se pautam na idéia que estão possibilitando aos seus alunos reconhecer esse gênero nas diversas situações de leitura. Vale observar que em raras situações foram encontrados outros gêneros de textos selecionados pelas professoras que não fossem os narrativos.

Contudo, é no espaço escolar que se produz um sentimento em favor da leitura, acompanhado de um discurso que a consagra como uma boa característica a ser aprendida. Mesmo que não se leia efetivamente, as professoras tinham na ponta da língua as razões pelas quais deveriam trabalhar literatura na escola, - o que acabava refletindo também nas opiniões dos pais e dos alunos - portanto sabiam que ler é uma característica de distinção na sociedade em que se vive, por isso se mostravam tão receptivas às propostas que prometiam melhoras no aprendizado da leitura.

Também não se pode negar que as ações sobre leitura na escola são extremamente frágeis e desconectadas, pois a pesquisa evidenciou que as professoras, na realização das atividades de leitura, não possuíam a clareza nem a dimensão do alcance do que realizavam. Notou-se que muito do que faziam estava impregnado de um discurso pronto, recebido por meio de ações de formação, os quais reproduziam porque passaram a acreditar que realmente funcionava, por isso selecionavam aquilo que mais fazia sentido para elas e passavam a fazê-lo. Há nas ações escolares de leitura um misto de novas propostas e elementos fortes da tradição reproduzidos, ano após ano, "enformando" o leitor.

Constatou-se durante o desenvolvimento da pesquisa que há situações em que de fato, tanto alunos quanto professores, se envolveram nos textos lidos, o que evidencia a possibilidade de a escola realizar um trabalho diferenciado e de fato produtivo com leitura. Também nas aulas observadas no Laboratório de Ciências, são feitas propostas de leitura que concorrem para a formação de leitores autônomos, à medida que são atrelados os experimentos da metodologia investigativa[1] à busca de informações científicas nos textos escritos.

Nas situações em que as professoras tiveram que planejar o desenvolvimento da aula, selecionando textos variados, como foi o caso das aulas que antecederam ou sucederam a visita dos alunos à ferrovia Perus-Pirapora, - ferrovia local transformada em patrimônio histórico - o que levou à montagem de um jogral com a poesia "Trem de Ferro" de Manuel Bandeira, também se apreendeu ação criativa das professoras com grande envolvimento dos alunos.

A pesquisa, desse modo, aponta para o fato de que há certas condições que se mostram com maior potencialidade para a formação de leitores a partir da escola. Além da própria Sala de Leitura, há também a garantia, na Rede Municipal de São Paulo, de horários de formação de professores. É necessário se pensar nessas e em outras condições favoráveis para se romper com as marcas da cultura escolar historicamente constituídas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato. 1997. Literatura Infantil. In: COUTINHO, Afrânio, *A literatura no Brasil*. V. 6. 4ª edição. São Paulo: Global. pp. 200-222.

BOURDIEU, Pierre. 2003. Gostos de Classe e estilos de vida In: ORTIZ, Renato. (org.) *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho D'Água. pp. 77 a 83.

CHARTIER, Ane Marie. 2004. *Enseñar a leer y escribir. Una aproximación histórica*. México: do de Cultura Econômica.

_____, 2007. *Práticas de Leitura e Escrita história e atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

CHIAPPINI, Lígia Moraes Leite. (coord. geral). 1995. *Aprender e ensinar com textos*. V.I, II e III. São Paulo: Marca D'água.

COELHO, Nelly Novaes. 1985. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil*. Das origens Indoeuropéias ao Brasil Contemporâneo. São Paulo: Quiron.

_____. 1987. *A Literatura Infantil. História, Teoria e Análise*. São Paulo: Quiron.

HÉBRARD, Jean, CHARTIER, Anne-Marie. 1989. *Discours sur la lecture (1880-1980)*. Bibliothèque Publique d'Information do centre Georges Pompidou. (Tradução mimeo).

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. 2002. *A leitura Rarefeita. Leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática.

GERALDI, João Wanderley. (org.). 2002. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática.

GIMENO SACRISTÁN, José. 1997. *Poderes instáveis em educação*. Porto Alegre: Artmed.

_____. 2000. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise da prática. In: GIMENO SACRISTÁN, José e PÉREZ GOMES, A. I. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed. p. 119-148.

_____. 2002. *Educar e conviver na cultura global*. Porto Alegre: Artmed.

LAJOLO, Marisa. 2001. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna.

_____ e ZILBERMAN. 2002. *A leitura Rarefeita. Leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática.

MEIRELES, Cecília. 1984. *Problemas da Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. (Org.) 1998. *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes.

_____. 2001. *Discurso e leitura*. Campinas: Ed. Da Unicamp e São Paulo: Cortez.

SOARES, Magda Becker. 1995. Língua escrita, sociedade e cultura. *Revista Brasileira de Educação*, nº 0, São Paulo: Anped.

_____. 2002. Novas práticas de leitura e letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, vol. 23, nº 81, p. 143-160

_____. 2004. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. nº 25, São Paulo, Anped.

VINCENT, Guy, LAHIRE, Bernard e THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, nº. 33, jun/2001.

ZILBERMAN, Regina. 1981. A Formação do Leitor Infantil. *3º Congresso de Leitura*. (COLE). Campinas: unicamp, pp. 33-34.

_____. 1988. *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

[1] Na escola existe um trabalho em Ciências em que se parte de perguntas aos alunos para que realizem experimentos de modo a obterem as respostas para os questionamentos.